

A ATUALIDADE DE UMA TESE: A DITOLOGIA LÉXICA, DE WILTON CARDOSO

JORAM PINTO DE LIMA*

RESUMO

Resenha da tese supracitada, revelando não somente o seu caráter de trabalho rigorosamente original, como também sua permanente validade.

O estudo dos *Convergentes e divergentes*, de importância capital na história de qualquer língua, começou a interessar os filólogos portugueses em fins do século passado.

Em 1873, Adolfo Coelho publicou importante artigo na *Romania*¹ sobre os *Divergentes* e, no ano seguinte, voltou ao mesmo assunto nas *Questões da língua portuguesa*². As suas pesquisas foram continuadas por Carolina Michaëlis³ e, principalmente, por José Joaquim Nunes, num trabalho, hoje clássico, editado no *Boletim da Segunda Classe da Academia das Ciências de Lisboa*, dedicado à memória de Gonçalves Viana⁴. Também I. Xavier Fernandes teceu considerações sobre alotropia em estudo inserto em suas *Questões de língua pátria*⁵.

Das formas convergentes tratou aquele foneticista português num pequeno artigo da *Revista Lusitana*⁶ e, mais extensamente, J.J. Nunes no estudo já mencionado.

No Brasil, além das ligeiras referências que aparecem nas gramáticas históricas, cabe realce especial à breve monografia de Serafim Silva Neto, *Divergência e convergência na evolução fonética*⁷, transformada em capítulo da sua *Introdução ao estudo da filologia portuguesa*⁸.

Era substancialmente esta a bibliografia existente sobre o tema em língua portuguesa quando, em 1950, Wilton Cardoso apresenta a sua *Ditologia léxica* como tese de concurso para provimento de cargo de professor catedrático de Português do

*Professor da Faculdade de Humanidades Pedro II - Rio de Janeiro.

antigo Ginásio Mineiro, já então denominado Colégio Estadual de Minas Gerais.

Apesar de sua importância, esse trabalho não teve a vulgarização merecida por haver sido publicado como tese (naturalmente de tiragem limitada) a um colégio oficial de província. De um modo geral, as teses de concurso que não tiveram uma posterior edição comercial de tiragem maior permanecem esquecidas, sem integrar-se na bibliografia da especialidade. É o caso de várias contribuições filológicas e lingüísticas de mérito que, quando ainda não havia Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras, foram elaboradas como exigência de concurso às cátedras de Português do Colégio Pedro II e dos estabelecimentos oficiais de ensino de alguns Estados que por ele se modelavam, como os de São Paulo, Campinas, Belo Horizonte, Salvador, São Luís.

E é lamentável que a monografia do professor Wilton Cardoso não tenha tido a difusão conveniente, porque muitos dos enfoques dessa tese, são, como veremos, originais, pelo menos dentro da bibliografia específica em língua portuguesa.

Começa o professor mineiro o seu trabalho por criticar a divisão comum das formas divergentes em populares e literárias.

Mostra com toda a clareza que a razão do erro reside em considerar a formação dos divergentes uma questão paralela à dos convergentes, formas com que nenhum parentesco guardavam, a não ser a antinomia designativa.

Reconhece que a primeira tentativa feita entre nós para afastar o problema do terreno empírico e impressionista em que o colocaram as observações iniciais de Adolfo Coelho é a monografia do professor Serafim Silva Neto.

Não lhe aceita, porém, a conceituação do fenômeno por eliminar, de plano, os empréstimos e as palavras eruditas que, para o filólogo fluminense, "outra coisa não são que empréstimos ao latim dos livros"⁹. Segundo Wilton Cardoso, "não se pode reputar de pouca importância, para a história de uma língua, o recenseamento das formas importantes que integram o

seu léxico"¹⁰, porque o núcleo primitivo das formas hereditárias "está longe de constituir a parte representativa da língua pois que, bem pesado, significa apenas o seu vocabulário fundamental"¹¹. É, no entanto, o léxico, notadamente a sua parte enriquecida com os empréstimos "que melhor se espelha a história de uma língua compreendida como um capítulo da história cultural e intelectual de um povo"¹².

Depois dessas considerações, passa o filólogo mineiro a examinar os princípios gerais da ditologia léxica, definindo-a como "o fenômeno de constituição ou incremento vocabular de que resultam, em determinada língua, duas ou, excepcionalmente, mais palavras em que se verifique *identidade de origem*"¹³. Vê-se, assim, que para ele a característica fundamental da ditologia léxica é a existência da forma dupla do vocábulo de idêntica origem. Por forma dupla devem entender-se as espécies pertencentes à mesma classe de palavras quando a variedade não resulta apenas de flexões ou acidentes gramaticais. E a identidade de origem deve corresponder sempre a uma base latina comum para as palavras hereditárias e de empréstimo.

Quando a alotropia incide sobre as palavras de formação interna, pondera ele que "para os casos de composição, prefixação e derivação, a *identidade de origem* deve ser buscada numa acumulação de elementos de igual valor morfológico e semântico dentro do mesmo processo de formação, e, para os demais casos (fenômenos de analogia etc.), na análise da história da palavra que revelará a causa do aparecimento do vocábulo duplo"¹⁴.

A seguir, estuda em capítulos especiais, e à luz de rica documentação, os três tipos de ditologia considerados: a hereditária, a de empréstimo e a interna. Com relação à *ditologia hereditária*, distingue a divergência fonético-histórica, a de vestígios casuais, a de origem de flexão genérica, a de origem dialetal latina e a de origem ditológica latina.

Quanto à *ditologia de empréstimo*, considera os divergentes de acumulação popular e erudita, os provocados por empréstimos a línguas românicas, os de origem de flexão genérica, os de origem dialetal latina e os de origem ditológica latina.

No tocante à *ditologia interna*, compreende os tipos que se explicam naturalmente pelos diferentes processos de formação de palavras: a composição, a prefixação, a derivação, a origem analógica, a duração fonética e a aglutinação.

Termina o autor a sua monografia com um apêndice, no qual desenvolve algumas considerações sobre um dos aspectos do fenômeno ditológico "a que se tem emprestado a denominação especial de formas sincréticas".

Uma síntese das idéias que se contêm nessa valiosa tese pode ser lida hoje num capítulo de teoria lingüística do presente manual de *Estilística e gramática histórica* que o autor escreveu com o professor Celso Cunha¹⁵.

Concluindo, diremos que, entre os inúmeros méritos da obra cujo conteúdo resenhamos, sobressaem a plena atualidade dos ensinamentos, a seriedade científica, a coerência metodológica e a agudeza dos conceitos esteados em sólida argumentação lingüística.

Escritor de excepcionais recursos, sua monografia vale também pela forma, pela qualidade e eficiência de linguagem, o que não é freqüente entre os nossos lingüistas e filólogos.

A propósito, recolham-se aqui as palavras com que o professor Antenor Nascentes, tão sóbrio em elogios, recebeu a obra quando do seu aparecimento: "O trabalho, escrito em linguagem de grande correção, revela a bela cultura do autor, não só em filologia portuguesa, mas também em lingüística geral e lingüística românica". "Trabalho original, muito diferente desses que comumente por aí aparecem repisando assuntos por demais batidos"¹⁶.

Agora, decorridos trinta e seis anos de sua publicação, as palavras do saudoso mestre continuam a ter a mesma validade, pois que, nesse longo período, nenhuma contribuição mais importante surgiu sobre esse tema fundamental da lingüística diacrônica.

NOTAS

1. *Romania*, (II): 281-94, 1973.
2. *Questões da língua portuguesa*, 1ª parte. Porto-Braga, Livraria Internacional, 1874, p.97-104.
3. *Studien zur romanischen Wortschöpfung*. Leipzig, F.A. Brockhaus, 1876.
4. Convergentes e divergentes. *Boletim da Segunda Classe*, Lisboa, (X): 812-60, 1915/16. Nunes adota uma conceituação do fenômeno quando escreve: "Para alguns filólogos a denominação de *divergentes* são cabe rigorosamente àqueles vocábulos que, oriundos da mesma forma, tomaram cada um seu sentido especial. Se grande número — a maioria — está neste caso, outros há, como se verá adiante, que nenhuma diferença sensível apresentam nas suas variadas formas; eu, segundo a opinião mais corrente, agrupei sob o mesmo nome tanto uns como outros". (*Obra cit.*, p.813, nota 1). Tal conceituação, que incluía entre os divergentes estágios evolutivos de uma mesma palavra, não foi aceita nem por Serafim Silva Neto nem por Wilton Cardoso.
5. Ivo Xavier Fernandes. *Questões de língua pátria*, Lisboa, edição da Revista Ocidente, (II): 38-49, 1949.
6. Gonçalves Viana. Formas convergentes. *Revista Lusitana*, (II): 316-21, 1890/92.
7. Niterói, Gráfica Dias Vasconcelos, 1940.
8. São Paulo, Companhia Editora Nacional, 1956, p.133-37; 2a. edição, ampliada e revista por Evanildo Bechara e Joran Pinto de Lima, Rio de Janeiro, Grifo, 1976, p.187-90.
9. Serafim Silva Neto. *Obra cit.*, p. 5.
10. Wilton Cardoso. *Ditologia léxica*, Belo Horizonte, Os Amigos do Livro, 1950, p.41.
11. *Idem*. *Ibid.*, p. 43.
12. *Idem*. *Ibid.*, p. 44, 45.

13. Idem. Ibid., p.51.
14. Idem. Ibid., p.52.
15. *Estilística e gramática histórica (Português através de textos)*, Rio de Janeiro, Tempo Brasileiro, 1978, p.158-67.
16. Antenor Nascentes. Resenha: Wilton Cardoso. Ditologia léxica. *Boletim de Filologia*, III, (10): 115-18, 1949.